

# A escrita literária da história na comemoração do centenário da Farroupilha. O caso de *Farrapo: memórias dum cavalo, 1935*\*

La escritura literaria de la historia en la conmemoración del centenario de Farroupilha. El caso de *Farrapo: memórias dum cavalo, 1935*

*The Literary Writing of History in the Commemoration of the Centenary of Farroupilha. The Case of Farrapo: Memórias Dum Cavalo, 1935*

FABRÍCIO ANTÔNIO ANTUNES SOARES

[fabricaoantunessoares@gmail.com](mailto:fabricaoantunessoares@gmail.com)

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-6132-803X>

Artículo de investigación

Recepción: 12 de agosto del 2022. Aprobación: 5 de julio del 2023.

Cómo citar este artículo

Fabrizio Antônio Antunes Soares, “A escrita literária da história na comemoração do centenário da Farroupilha. O caso de *Farrapo: memórias dum cavalo, 1935*”, *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura* 51, n.º 1 (2024): 383-412.

Reconocimiento-SinObraDerivada 4.0 Internacional (CC BY-ND 4.0)

---

\* Este artigo reúne e atualiza algumas reflexões teóricas e históricas da dissertação de doutorado do autor, intitulada “Farrapos de estórias: Romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)”, Pontifícia Universidad Católica de Río Grande del Sur, 2016.

[384]

**RESUMO**

**Objetivo:** analisar a escrita literária da história e como se articula à construção de sentido histórico na novela *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935), do literato brasileiro Félix Contreiras Rodrigues (1884-1960). **Metodologia:** no contexto histórico da inserção política do estado do Rio Grande do Sul nas instituições e na política nacional do Brasil entre 1920 e 1935, o artigo averigua a articulação entre texto e contexto, por intermédio da operação literária da história através de análise do lugar social da obra literária, das práticas literárias da obra e, por fim, da escrita do texto literário. A fonte primária desta investigação é da novela *Farrapo: memórias de um cavalo*. **Originalidade:** ademais do método, o artigo trabalha com a hipótese de que *Farrapo: memórias dum cavalo* articula e cristaliza a nacionalização da história regional sulina em um período de ascensão política sul-rio-grandense em nível nacional. **Conclusão:** o texto literário sobre a história foi permeado por questões teóricas e políticas do seu presente examinadas a partir da operação literária da história, isto é, a novela estudada acolhe a hipótese deste artigo.

**Palavras-chave:** escrita literária da história; historiografia; história intelectual; literatura; romance histórico; teoria da história.

## RESUMEN

**Objetivo:** analizar la novela histórica y cómo se articula en la construcción del sentido histórico en la obra *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935), del escritor brasileño Félix Contreiras Rodrigues (1884-1960). **Metodología:** en el contexto de la inserción política del estado de Rio Grande do Sul en las instituciones y en la política nacional de Brasil entre 1920 y 1935, el artículo constata la articulación entre texto y contexto, a través de la operación literaria de la historia, mediante el análisis de: el lugar social de la obra literaria, de las prácticas literarias de la obra y, por último, de la escritura del texto literario, teniendo como referente la novela *Farrapo: memórias de um cavalo*. **Originalidad:** además del método, el artículo trabaja con la hipótesis de que *Farrapo: memórias dum cavalo* articula y cristaliza la nacionalización de la historia regional del sur, en un período de ascensión política de Rio Grande do Sul al nivel nacional. **Conclusión:** el texto histórico-literario fue permeado por cuestiones teóricas y políticas de su presente, examinado a la luz de la operación literaria de la historia, es decir que la novela estudiada confirma la hipótesis del artículo.

**Palabras clave:** escritura literaria de la historia; historiografía; historia intelectual; literatura; novela histórica; teoría de la historia.

[386]

**ABSTRACT**

**Objective:** To analyze the literary writing of history, and how it is articulated to the construction of historical meaning in the novel *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935), by the Brazilian writer Félix Contreiras Rodrigues (1884-1960).

**Methodology:** In the historical context of the political insertion of the state of Rio Grande do Sul in the institutions and national politics of Brazil between 1920 and 1935, the article validates the articulation between text and context, through the literary operation of history, through the analysis of the social place of the literary work, the literary practices of the work and, finally, the writing of the literary text, having as a reference the novel *Farrapo: memórias de um cavalo*. **Originality:** In addition, the article works with the hypothesis that *Farrapo: memórias dum cavalo* articulates and crystallizes the nationalization of southern regional history in a period of political ascension of the South of Rio Grande do Sul at the national level. **Conclusion:** The literary text about history was permeated by theoretical and political issues of its present examined from the literary operation of history, that is, the studied novel confirms the hypothesis of this article.

**Keywords:** historiography; intellectual history; historical novel; literary writing of history; literature; theory of history.

Este artigo analisa a construção de sentido histórico na narrativa *Farrapo: memórias de um cavalo*, publicado em 1935, de Félix Contreiras Rodrigues (1884-1960). A metodologia usada foi a operação historiográfica<sup>1</sup> relacionada à escrita literária da história. O objeto de análise é a literatura como um modo de escrita e interpretação sobre o passado. A fonte que embasa o artigo é o romance supracitado. O artigo investiga as relações de *Farrapo* com o contexto político e intelectual de sua época e analisa a narrativa da sua escrita literária em relação à história. Por um lado, no período de produção e publicação do citado romance, a historiografia brasileira sobre a Farroupilha (1835-1845), em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), começa a sofrer uma mutação desde a obra de Tristão Araripe, do final do século XIX, a partir de uma releitura do evento Farroupilha em torno do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Por outro lado, a literatura brasileira começa a sentir os efeitos da Semana da Arte Moderna, de 1922 e, também, a literatura sulina apontava em duas direções: a urbana e a regionalista.<sup>2</sup> Ademais, *Farrapo* (1935) compreende a história sulina dentro dos marcos do Estado nacional brasileiro, e é produzido para ser um elemento intelectual de comemoração do centenário do Farroupilha (1835-1845), pois, neste momento, Getúlio Vargas e seus correligionários sulinos estavam no comando do país desde 1930. Com isso, o artigo trabalha com a hipótese de que *Farrapo* articula a nacionalização da história regional em um período de ascensão política sul-rio-grandense no nível nacional.

[387]

Para alcançar o objetivo, vale-se da operacionalidade analítica de entender o *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) como uma operação historiográfica, isto é, o procedimento que Michel de Certeau é usado para analisar a escrita literária da história. O que Certeau propõe se destina à operação historiográfica *stricto sensu*, porém o objetivo é ver a possibilidade fecunda de tal arcabouço metodológico posto a serviço da análise da escrita literária da história. Cabe fazer uma pergunta para explicar a expressão: se for aceita a premissa de que a escrita literária não é história e a história não é escrita literária —ambas seriam construções discursivas, produtos de linguagem, mas pertencentes a áreas do conhecimento distintas: literatura é arte e his-

- 
1. Michel de Certeau, “A operação historiográfica”, em *A escrita da história*, (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007), 65-119.
  2. Lígia Chiappini Morais Leite, *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho* (São Paulo: Ática, 1978), 137-201; Regina Zilberman, *A literatura no Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980), 61-88.

tória é ciência—, será que o correto não é expressar “a escrita literária da história híbrida de história e ficção?” Crê-se que não, pois ambas em seu núcleo inicial (linguístico, epistêmico e pragmático) têm a ficção em sua concepção, depois, nos protocolos. É no desenvolvimento metodológico que a ficção se torna literatura e a história se torna ciência.

[388]

Para fazer essa translação da operação historiografia para a operação literária, dois passos teóricos são importantes; por um lado, apreender e operar as diferenças entre ambas as escritas<sup>3</sup> e, por outro, manejar as semelhanças.<sup>4</sup> Contudo, cabe continuar indagando sobre a metodologia aqui empregada: a) como aplicar isso no entendimento da expressão “escrita literária da história” isto é, onde está o limite?; b) não seria mais correto afirmar que a escrita literária conjuga/amalgama aspectos da historiografia?; c) a explicitação/autoria da filiação a Certeau, do termo “escrita literária da história”, não torna imprescindível que explicito isso ao leitor, que traga a este texto argumentos que mostrem em que sentido e limitações isso é proposto e usado, pois, do contrário, não prevaleceria o sentido receptivo de que a “escrita da história é literária”, equivale à literatura, fato que não seria aceito em nenhuma das áreas: história e literatura?

Para responder a estas perguntas pode-se dizer que: a) primeiramente, este não é um texto teórico, ficando impossível detalhar a problemática ao máximo. A questão do limite fica exposta nos argumentos do texto e na bibliografia citada. Em segundo lugar e o mais importante: não sendo um texto teórico, mas historiográfico, não cabe a este artigo colocar um limite ou estabelecer uma fronteira entre literatura e história de antemão, este limite deve ser criado no próprio desenvolvimento do texto, no próprio desenvolvimento da história aqui narrada, pois a relação da história com a literatura não é a-histórica, ou melhor, esta é histórica e, logo, no caso deste artigo, precisa ser desenvolvida no contexto do objeto e fonte analisada, desse modo, aí sim poder-se-á avaliar um limite (sempre histórico) a ser estabelecido ou indiciado. Em resumo, a prova do sabor de um bolo está em comer

- 
3. Luiz Costa Lima, “A narrativa na escrita da história e da ficção”, em *A aguarrás do tempo. Estudos sobre narrativa* (Rio de Janeiro: Rocco, 1989), 15-121; Luiz Costa Lima, “A ascensão do discurso histórico e as relações com a literatura”, em *Trilogia do Controle*, (Rio de Janeiro: Topbooks, 2007), 124-141.
  4. Paul Ricoeur, “A composição da intriga”, em *Tempo e narrativa. A intriga e a narrativa história*, vol. 1, (São Paulo: Martins Fontes, 2010), 56-92; Paul Ricoeur, “O entrecruzamento da história e da ficção”, em *Tempo e narrativa. O tempo narrado*, vol. 3, (São Paulo: Martins Fontes, 2010), 310-328.

o bolo; b) retomando a resposta da pergunta inicial, há um momento de lusco-fusco entre historiografia e literatura dado pelo desenvolvimento da ficção em cada tipo de narrativa. Assim, como o literato toma coisas da historiografia, o historiador toma coisas da literatura,<sup>5</sup> o mais correto é afirmar que, no seu desenvolvimento metodológico, a escrita literária da história desenvolve uma argumentação sobre o passado, acreditar que a escrita literária amalgama aspectos da historiografia é recair na divisão positivista do século XIX entre a ciência da história e a ficção/imaginação da literatura; c) os termos “escrita literária da história” e “operação literária da história” remontam a Certeau. Contudo, como têm-se objetos diferentes de análise e como se faz uso, neste artigo, de outros autores para pensar em esse objeto, a conceitualização de Certeau torna-se insuficiente. Com isso, torna-se necessário definir melhor o instrumental metodológico de Certeau e por isso os acréscimos que se faz neste texto à metodologia de Certeau para pensar um objeto diferente. Novamente, não sendo possível definir de antemão as delimitações de historiografia e literatura, não há como partir do princípio de que a escrita da história equivale a literatura, pois ambas têm protocolos diferentes. Cabe ao artigo oferecer elementos de diferenciação e semelhança para pensar as narrativas, mas cabe ao longo da argumentação do artigo identificar os entrecruzamentos no contexto histórico analisado.

[389]

A Farrroupilha foi uma das revoltas regenciais que assolou o Império brasileiro na década de 1830. Ela está inserida em duas forças históricas, por um lado, a formação do Estado-nação brasileiro<sup>6</sup> e, por outro lado, os conflitos platino.<sup>7</sup> Ela inicia, em 1835, como um movimento político de contestação em relação ao governador provincial para, um ano após, tornar-se um conflito armado e separtista.

*Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) foi publicado por Rodrigues na comemoração do centenário da Farrroupilha em 1935, sob o governo constitucionalista de Vargas. Em uma esfera pública limitada, a socialização intelectual de Rodrigues deu-se na imprensa federalista em oposição ao

- 
5. Ivan Jablonka, *A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais* (Brasília: UnB, 2020).
  6. Helga Piccolo, “A Guerra dos Farrapos e a construção do Estado Nacional”, em *A Revolução Farrroupilha. História e interpretação*, Décio Freitas et al (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985), 30-60.
  7. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, “O horizonte da província: A República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)” (tese de doutorado, UFRJ, 1998).

[390]

PRR, na faculdade de direito de Porto Alegre, no IHGRGS, na Academia Sul-rio-grandense de Letras, a editora Globo e alguns jornais do interior do Estado do qual ele foi dono ou redator.<sup>8</sup> Também o nacionalismo político e o antiplatinismo intelectual foram um corte que marca a literatura da obra analisada. Há, pois, no romance, o entendimento de que a Farroupilha deva ser nacionalizada e celebrada. De tal modo, a operação literária de *Farrapo* (1935) se articula no período de sua escrita e publicação, com o governo Vargas que fazia um uso político da Farroupilha, pois consideravam-se seus sucessores e o que de tal modo se articula com a retórica do livro que, devido ao caráter de comemoração da Farroupilha, torna suas características literárias e políticas mais salientes que as obras anteriores sobre a Farroupilha.<sup>9</sup>

Portanto, o caminho desta investigação é saber como *Farrapo* (1935) se articula com o lugar social, com a prática e a escrita, em outras palavras, como é possível perceber a “operação historiográfica” na literatura sobre a Farroupilha. Assim sendo, examinar *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) como uma operação literária da história, significa analisá-la como a articulação entre: a) um lugar social, b) práticas científicas e c) a escrita de um texto.<sup>10</sup> Para compreender a história das narrativas sobre a Farroupilha,<sup>11</sup> portanto, parte-se do pressuposto de que qualquer narrativa histórica e literária se encadeia com um lugar, uma prática e uma escrita, e também suas determinações sociais, culturais, políticas e econômicas.<sup>12</sup> Isso acarreta

- 
8. Odaci Luís Coradini, “As missões da ‘cultura’ e da ‘política’: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960)”, *Estudos Históricos* 2, n.º 32 (2003): 125-144.
  9. Os romances anteriores sobre a Farroupilha são: *A divina pastora* (1847) e *O corsário* (1851) de Caldre e Fião, *O gaúcho* (1870) de José de Alencar, *O vaqueano* (1872) de Apolinário Porto Alegre e o *Os Farrapos* (1877) de Oliveira Belo. Sobre isso, ver: Fabrício A. A. Soares, “Farrapos de estórias. Romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)” (tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016).
  10. Certeau, “A operação”, 66.
  11. Sandra Jatahy Pesavento, “Uma certa Revolução Farroupilha” em *O Brasil imperial*, vol. 2, dirigido por Keila Grinberg e Ricardo Salles (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009), 233-267; Fabrício A. A. Soares, “História das narrativas da Farroupilha” em *História e historiografia sul-rio-grandense*, organizado por Fabrício A. A. Soares e Jefferson Teles Martins (Criciúma: EdiUnesc, 2019).
  12. Desse modo, pensar a Farroupilha como objeto historiográfico alude a que a historiografia é a obra de um lugar e, entre suas hierarquias e seus códigos, entre a seleção da documentação até a escrita do passado, o fazer do(a) historiador(a)

uma forma de proceder na escrita literária da história limitada por condições inerentes ao lugar, à prática e à escrita de sua produção. Esse é, então, um dos requisitos do desenvolvimento da operação literária da história. Com isso, além de fornecer a solidez social à escrita literária, o lugar social, a prática e a escrita também tornam isso possível e, assim, a escrita literária, em comparação com a escrita da história, delinea-se “por uma *relação da linguagem* com o corpo (social) e, portanto, também pela sua relação com os *limites* que o corpo impõe”.<sup>13</sup>

[391]

Para atingir o objetivo deste artigo, seu texto está dividido em três partes. A primeira analisa o lugar social e político de *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935). A segunda analisa as práticas intelectuais e literárias em torno da obra/fonte e a última parte examina a escrita literária do texto.

#### O lugar social da escrita literária da história

Avaliando como a Farroupilha foi analisada durante o século XIX, percebe-se que Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPP) pouco fez em relação a Farroupilha e o IHGB desde 1870 sempre interpretou-a pelo viés da obra de Tristão Araripe. Mesmo com o surgimento da República, em 1889, e com o ascenso de uma memória republicana,<sup>14</sup> somente em 1920 outra intriga narrativa sobre a Farroupilha surgiria, assim sendo, começa a existir uma integração entre a memória nacional e a Farroupilha e, na década 1930, ela tornar-se-ia objeto de comemoração afirmando-se como um acontecimento brasileiro e republicano, isto é, ela é antecessora do Brasil republicano e, ao mesmo tempo, ela abraçava-se.<sup>15</sup>

Neste contexto de reabilitação e reescrita da Farroupilha, em inúmeras frentes se analisava e se celebrava a Farroupilha, tanto o IHGRGS, jornais e comissões oficiais. Na década de 1930, quando se completaria cem anos da Farroupilha, ela não seria mais usada como no século XIX pelos federalistas, como um momento de reinvidicação e tensão com o a Corte Imperial ou o

---

é referente à estrutura da sociedade que permite e impõe os usos do passado no presente. Ver: François Hartog e Jacques Revel, “Note de conjuncture historiographique”, em *Les usages politiques du passe*, dirigido por François Hartog e Jacques Revel (Paris: EHEES, 2001), 13-24.

13. Certeau, “A operação”, 76.

14. Mara Cristina Rodrigues, “A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais”, *Revista Tempo* 19, n.º 35 (2013): 161-183.

15. Rodrigues, “A releitura”, 169.

centro do poder brasileiro após 1889,<sup>16</sup> em pleno anos 30, após a Revolução de 30, o trabalho intelectual, das instituições e dos intelectuais sul-rio-grandenses, era conectar região e nação, o estado sulino ao todo, adaptar a memória nacional os feitos locais.<sup>17</sup>

[392]

Portanto, como a Farroupilha se torna, não só um fato historiográfico e literário, na década de 1930, mas sobretudo um objeto cívico de comemoração, por mais que livros e artigos da época respeitem as formas de escrita, o uso político do tema é evidente, pois, intelectuais e instituições estão em busca de prestígio e legitimação.<sup>18</sup> Uma geração de intelectuais, de A. Porto Alegre a A. Maya, sempre enfatizaram as particularidades do estado sulino em relação ao Brasil, ressaltando as potencialidades do estado meridional, desse modo, em um contexto nacionalista, conceitos como *platinismo*<sup>19</sup> (A. Varella)<sup>20</sup> e *gaúcho em ruínas* (A. Maya) foram descartados como norteadores intelectuais e políticos, pois, pós-30, era necessário rio-grandinar o país e assegurar a unidade nacional.<sup>21</sup>

E neste contexto, um lugar social em especial se destacou: o IHGRGS. Fundado em 1920, com o apoio estatal, era o lugar primaz de legitimação intelectual do estado. Fora nele que o nacionalismo historiográfico lançou luzes no Rio Grande do Sul, tornando o liame entre o poder político e a escrita sobre o passado sulino indissolúvel.<sup>22</sup>

---

16. Rodrigues, “A releitura”, 176-177.

17. Ieda Gutfreind, *Historiografia rio-grandense* (Porto Alegre: UFRGS, 1992).

18. No período do centenário da Farroupilha, houve uma demanda editorial sobre o tema, capitaneada pela editora O Globo. A demanda foi tanto em historiografia como em literatura.

19. Platinismo refere-se à região do Prata, isto é, a espaços que sofrem a atuação do rio da Prata, seus afluentes e de sua bacia hidrográfica, mormente ao que hoje são a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, países no qual o Rio Grande do Sul é limítrofe. Atualmente o Rio Grande do Sul e o Paraguai não fazem fronteira, mas antes da Guerra do Paraguai a atual região de *Misiones* era disputada entre a Argentina e o Paraguai. Varella defendia que a Farroupilha tinha como principal influência os acontecimentos platinos, isto é, acontecimentos não brasileiros, ao contrário da geração nacionalista de 1920, que construía uma genealogia brasileira para a Farroupilha.

20. Jaisson Oliveira da Silva, “A epopeia dos titãs do Pampa. Historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varella” (dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010).

21. Leite, *Regionalismo*, 203; José Pereira Coelho de Souza, *O sentido e o espírito da Revolução Farroupilha*, (Porto Alegre: O Globo, 1945), 73-74.

22. Gutfreind, *Historiografia*, 24.

Dois pontos tornam-se importantes, aqui, para o desenvolvimento do artigo: a) a não separação entre esfera intelectual e política e b) a dimensão política do IHGRGS. Em um momento de consolidação da pesquisa historiográfica no Rio Grande do Sul, faz-se em consonância com a política em sentido estrito, isto é, não há uma separação entre a esfera intelectual e a política, como ocorrerá a partir do fim da década de 1970.<sup>23</sup> Com isso, toda disputa ou controvérsia intelectual é, também, um conflito político. Por outro lado, o IHGRGS, desempenha uma dupla função: política e intelectual, assim cumpre uma dupla finalidade: atuar como instituição intelectual, municiando a política e atuar como uma instituição política, legitimando os intelectuais.<sup>24</sup>

Logo, levantasse a questão: por que uma reescrita da Farroupilha nesse contexto. O trabalho de Love nos oferece um norte.<sup>25</sup> Destarte, a importância de uma reescrita da Farroupilha tem que ser entendida na recente reinclusão do estado sulino na vida política nacional e, de tal modo, uma história entendida como platina ou separatista ou um *gaúcho em ruínas* teria que ser modificada para o grupo político da Revolução de 1930 fazer-se reconhecer como o condutor da política brasileira.

### **A prática da escrita literária da história: entre o nacionalismo, o regionalismo e a comemoração**

A partir do IHGRGS há um atrelamento o de identidade e entre o Brasil e o estado sulino. Assim sendo, observa-se um esforço em arquitetar uma prosa – da literatura e da história – que reconcilie região e nação.<sup>26</sup> A brasilidade é o modelo interpretativo e o padrão teórico é o determinismo geofísico ou

23. Leticia Nedel e Mara Rodrigues, “Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul”, *Ágora* 11, n.º 1 (2005): 161-186.

24. Carlos Roberto Rangel, “O governo Flores da Cunha”, em *República. Da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*, vol. 4, dirigido por René Gertz e coordenado por Tau Golin e Nelson Boeira (Passo Fundo: Méritos, 2007), 32.

25. Joseph Love, *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 30* (São Paulo: Perspectiva, 1975), 143. O autor divide a inserção do Rio Grande do Sul na política nacional (durante a República Velha 1889-1930) em quatro períodos: a) 1889-1894, dependência dos presidentes militares; b) 1895-1903, autonomia relativa e isolamento; c) 1904-1908, emergência gradual como força política importante e d) 1909-1930, participação em larga escala da política nacional. Assim, como aponta Love, a partir de 1910, o Rio Grande do Sul e exército eram dois atores/fatores que poderiam desestabilizar o sistema político do Café com Leite, o que veio a ocorrer nas eleições de 1910, de 1922 e de 1930.

26. Gutfreind, *Historiografia*, 20.

psicológico.<sup>27</sup> Tanto o IHGRGS e a Academia Rio-Grandense de Letras (ARL), da qual Rodrigues foi presidente de 1935 a 1937 foram instituições culturais com ligação com a política.<sup>28</sup> Quase todos os integrantes do IHGRGS eram integrantes da ARL.<sup>29</sup> Não obstante, ao passo que o IHGRGS continha um perfil de elaboração e bússola intelectual a ARL apresentava a peculiaridade de *status*, reconhecimento e consagração social.

[394]

Logo, literatos e historiógrafos, foram a uma cruzada política e intelectual para colocar o Rio Grande do Sul no coração do Brasil.<sup>30</sup> Portanto, na empreitada das eleições de 1929 a Farroupilha já estava presente como combustível ideológico e, assim, os farrapos de outrora juntam-se, ou melhor, são personificados nos aliancistas do presente.<sup>31</sup> Em uma conjuntura de inclusão nacional o regionalismo da década de 1920 desempenhou a função de valor e de ideal na consolidação dos grupos dominantes gaúchas na esfera de poder nacional. Destarte, os intelectuais e políticos operaram no ambiente de passagem e conexão entre o regional e o nacional, isto é, a “nova Farroupilha” brasileira alcança sua forma de confecção e circulação.

No ano de 1935 a revista do IHGRGS dedica sua edição inteira a comemoração do centenário da Farroupilha. Também, nela foi descrito o Congresso do IHGRGS em homenagem a Farroupilha.<sup>32</sup> Para Leonardo Macedônia, presidente do IHGRGS, a Farroupilha os enchia de orgulho, também, ele ligou os eventos de 1835 com os de 1930 em que “nossos maiores” lutaram pela

---

27. Jefferson Teles Martins, “O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais. Trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)” (tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015).

28. Martins, “O Instituto”.

29. Em 18 de junho de 1944, a nova sede da Academia Rio-Grandense de Letras é a sede do IHGRGS.

30. Leite, *Regionalismo*, 188-89.

31. Assim, na campanha da Aliança Liberal “a exploração de um passado tido como heroico, representado, principalmente, pela Revolução Farroupilha, vai acompanhar todas as fases da luta”. Leite, *Regionalismo*, 185.

32. Na Revista do IHGRGS estão citadas as autoridades presentes nesta solenidade. Ver: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, IV trimestre, ano XV (Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1935), 165. A revista do IHGRGS era composta por uma comissão de redação. Quem compunha esta comissão era Adroaldo Mesquita da Costa, Othelo Rosa, Emilio Fernandes de Souza Docca e Eduardo Duarte.

unidade do país.<sup>33</sup> Ele exalta o decênio glorioso em que este trabalhava pela integridade do Brasil. Havia, neste congresso, não os historiadores, mas autoridades civis, eclesiásticas, militares e políticas.<sup>34</sup> Assim sendo, o congresso era uma comemoração a Farroupilha.<sup>35</sup> Na sua última fala no Congresso, Macedônia faz uma um pronunciamento em que a forma é a *historia magistra vitae*. Ele compara a Farroupilha com dois exemplos de acontecimentos balizadores da história: 1) O Império Romano e, 2) a Revolução Francesa. Porém, se ambas foram consumadas pelo tempo a Farroupilha é a sua herdeira e continuadora.<sup>36</sup> Ao fim, todos ficam de pé e aplaudem esse momento de glória e comemoração do passado e do presente.<sup>37</sup>

[395]

Em certos momentos do presente, o passado é retomado para fazer dele uma ocasião decisiva, uma circunstância definidora e simbólica.<sup>38</sup> Isso advém na comemoração do centenário da Farroupilha, um período vital da política nacional em que Vargas e seu grupo político precisavam se legitimar no controle do governo central. Portanto, o nacionalismo à época era empregado para conectar a Farroupilha aos escopos políticos regionais do grupo varguista. Além do mais, a comemoração contém a elipse de algo, a permanência do ausente, isto é, a existência de quem não se pode parar jamais esquecer.<sup>39</sup> A centúria da Farroupilha foi uma comemoração do passado que se vira modelar, a festividade e a legitimação da nacionalização da Farroupilha, assim sendo, tais acontecimentos obtiveram letrados, entidades e agremiações e um ambiente favorável à sua produção e circulação, ou melhor, uma escrita literária da história. Em 1935, na comemoração do centenário da Farroupilha, a reescrita da história a partir da literatura e das imposições políticas faz a “operação literária” revelar-se na escrita do romance.

---

33. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 170-171.

34. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 179.

35. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 187.

36. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 188.

37. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 188.

38. François Hartog, *Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo* (Belo Horizonte: Autêntica, 2013), 183.

39. Hartog, *Regimes*, 183.

## A escrita literária da história: a estória da Farroupilha na comemoração do seu centenário

### Os começos da estória

[396]

Foi publicado, na ocasião da comemoração do Centenário Farroupilhal em 1935, o romance *Farrapo: memórias dum cavalo*. O autor, Félix Contreiras Rodrigues – de pseudônimo *Piá do Sul* –, nasceu em Bagé, em 1884, e faleceu na mesma cidade, em 1960. Em 1909, bacharelou-se pela faculdade de direito de Porto Alegre. Depois, cursou economia política, na Sorbonne. Entre 1910 e 1915, exerceu a advocacia em Bagé e, entre 1915 e 1922, na Suíça. Fundou e dirigiu o jornal *Tribuna Liberal*, em Bagé. Também foi diretor do jornal *Correio do Sul*. Foi igualmente dono de estância em Bagé, de 1925 a 1934. Professor de Economia Política na Faculdade de Ciências Econômicas de Porto Alegre, depois de 1935 teve uma estância no Uruguai, até falecer.

Rodrigues foi poeta, romancista, teatrólogo, ensaísta, sociólogo e historiador. Pertenceu à ARL, que presidiu de 1936 a 1938, além de ter sido membro do IHGRGS.<sup>40</sup> Membro do Partido Federalista, em 1928 adere à Frente Única Gaúcha. Em 1930, apoia a Revolução liderada por Getúlio Vargas. Em 1937, rompe com Getúlio, após o Estado Novo, indo exilar-se no Uruguai.<sup>41</sup>

*Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) surge nesse contexto de comemoração da Farroupilha e de inserção do passado rio-grandense na história do Brasil. O nacionalismo da década de 1920 está presente em sua obra. A ambiência social e as instituições políticas entram na narrativa, isto é, a operação literária da história irrompe na ficção do romance, que articula a construção de uma estória nacionalista em um momento de comemoração política. Félix Contreiras Rodrigues, que tem interesses políticos e econômicos, é um agente da intelectualidade a construir uma narrativa que lhe insere no jogo político das representações do passado.

A estória do romance começa com o cavalo Farrapo que, aos 24 anos – em 1847 –, resolvera contar a história da sua vida a uma tropilha de cavalos

40. Informações biográficas sobre Félix Rodrigues em Martins, ver: Ari Martins, *Escritores do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: DAC / SEC, 1978).

41. René Gertz, “Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945)”, *História: Debates e Tendências* 13, n.º 1 (2013): 19-32. Não existe na literatura brasileira ou sul-rio-grandense um estudo sobre a obra de Rodrigues ou mesmo uma biografia de sua vida. O que, por um lado, causa espanto e, por outro lado, mostra a importância deste artigo. Também, isso revela os poucos dados biográficos e as poucas informações sobre as relações intelectuais e pessoais de Rodrigues.

mais novos que o ouviam com muita atenção. Farrapo lembrava-se do velho Manduca, seu primeiro dono, a rodeá-lo no curral. Farrapo nascera em 1823 e, ao completar três anos, um dia desapareceu e pôs-se a *matrear* do qual esperou ter se apropriado para sempre da sua liberdade, desse modo, tentou fazer da querência uma espécie de toca, de onde acreditou não lhe tirarem jamais. Contudo, ele sabia que seu dono não aceitaria a sua ausência, mas não era “cavalo capão pra viver arrinconado [...] Eu tinha toda a virilidade e todo o fogo que dão os bons campos [...] Desejava mais largueza e novas impressões. Fui ficando cada vez mais xucro”.<sup>42</sup>

[397]

### O antiplatinismo como reescrita da identidade e do passado sul-rio-grandense

*Farrapo* (1935) traz uma novidade ao ter um cavalo como personagem principal, pois é o personagem Farrapo, em primeira pessoa, que narra sua história. Assim, ele lembrava que sua vida foi boa, se não principiasse neste ponto uma peregrinação guerreira. Em janeiro de 1827, Manduca e Farrapo, para os lados de Bagé, souberam que “um exército, sob o comando de Alvear e Lavalleja, vinha arrebanhando tudo que encontrava. [...] Quando não era o Artigas que tivemos de atirar, com seus *chalecos* de couro cru prá o outro lado do Uruguai, é o Alvear a pisotear e saquear os nossos pagos”.<sup>43</sup>

Aqui aparece uma característica da geração intelectual à qual Rodrigues pertencia: o antiplatinismo.<sup>44</sup> Nega-se a influência platina na história do Rio Grande do Sul, nega-se qualquer semelhança cultural e identitária com a região do Prata. Isso tornou-se necessário, pois a geração de 1920, querendo nacionalizar a história sul-rio-grandense, expurga qualquer elemento não nacional da genealogia histórica sulina e o Prata – o outro – torna-se o inimigo que poderia corromper a brasilidade dos rio-grandenses. É por isso que foi preciso, ao se mostrar para o Brasil, negar o Prata no passado do Estado. Não sem razão, Farrapo, como metáfora do gaúcho, nasce defendendo a fronteira contra os castelhanos.<sup>45</sup>

Seguindo a narrativa, Farrapo e Manduca uniram-se ao brigadeiro Barreto, a Bento Gonçalves e ao General Abreu. Manduca alegou que a

42. Félix Contreiras Rodrigues, *Farrapo: memórias dum cavalo* (Porto Alegre: Globo, 1958), 30.

43. Rodrigues, *Farrapo*, 42-43.

44. Sobre os intelectuais platinistas do IHGRHS, ver: Guttfreind, *Historiografia*, 115-144.

45. “O Estado Oriental em paz é mais perigoso que o Rio Grande em guerra”, Rodrigues, *Farrapo*, 141. Este é um indício do antiplatinismo dessa geração marcadamente nacionalista.

peleja estava outra vez em casa e pensava Farrapo: “Os Argentinos vêm aí dispostos a levar tudo por diante [...] Que cousa seria essa, a guerra”.<sup>46</sup> Assim, Manduca abandona a estância e leva junto o Farrapo, e o sofrimento que ia moendo Manduca abatia o cavalo: “Tu verás, quando te domem a ti, como nós tomamos parte nas atropeladas que faz a vida dentro d’alma de quem nos monta”,<sup>47</sup> falava Farrapo à tropilha.

[398]

Manduca incorporou-se ao exército do marechal Abreu e, vendo a inferioridade do exército, o velho Manduca cede, ao marechal, o Farrapo durante aquela campanha. Marcharam, encaçando o exército opositor, na direção de São Gabriel. O general Abreu na frente e Farrapo, com as orelhas tesas, puxava a fila do exército. Na batalha decisiva contra os orientais<sup>48</sup> e argentinos, Manduca fora machucado na perna esquerda e Chiru, afilhado de Manduca, conseguiu capturar o Farrapo, pois viu quando o General Abreu foi morto em cima do cavalo. Enquanto Manduca se recuperava, Farrapo ficou aos cuidados de seu afilhado. Farrapo passou em uma estância em Vacacaí os meses da primavera e do verão do ano de 28.

#### Quando a *historia magistra vitae* encontra a literatura regionalista

Entre as características que constituem o romance *Farrapo* (1935), uma torna-se um modo em que se vaza um dos elementos que fornece sentido à obra. Assim, acredita-se que, ao narrar a estória da Farroupilha, o narrador emprega o modo *historia magistra vitae* de escrita da história ou, neste caso, da escrita literária da história, que amalgama os princípios da ficção com muitos dados da historiografia. A *historia magistra vitae* – ou história exemplar ou história ciceroniana – é um topos narrativo que é um dos moduladores de sentido em uma narrativa sobre o passado. O que caracteriza a *historia magistra vitae* é que o passado fornece lições ao presente, isto é, o passado transmite modelos de comportamento que, no presente e no futuro, deve-se seguir.<sup>49</sup> De tal modo, crê-se que o narrador emprega tal topos narrativo tanto na relação de Farrapo com a tropilha de cavalos, em que ele passa os ensinamentos de seu passado, quanto na relação da Farroupilha

46. Rodrigues, *Farrapo*, 43-44.

47. Rodrigues, *Farrapo*, 45.

48. Outro modo de designar os uruguaios.

49. Sobre *historia magistra vitae*, ver: Reinhart Koselleck, “Historia Magistra Vitae–Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento”, em *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos* (Rio de Janeiro: Contraponto / PUC, 2006), 41-60.

com o presente do escritor, em especial, na figura de dois personagens que se tornam exemplares no romance: Bento Gonçalves e General Antônio Netto.

Portanto, voltando ao romance, chegara o dia 20 de setembro.<sup>50</sup> Farrapo está com o Coronel Amaral, que participa do lado dos farroupilhas na guerra. O coronel, Farrapo e mais seu acompanhante Biriva vão ao encontro de Bento Gonçalves, que estava sitiando Porto Alegre, para entregar a resposta que Amaral lhe trazia. A notícia é que fracassaram suas pretensões de adesão dos paulistas e mineiros ao movimento. Portanto, Bento Gonçalves “se desespera pensando que esta revolução pode dar num turumbamba de separação do Continente, quando ele não quer senão um regime de mais liberdade, mais brasileiro e menos camelo. Demasiado sabe ele que há muita gente escondida atrás da macega”.<sup>51</sup> O narrador define que a Farroupilha não é separatista, isto é, quer mostrar a brasilidade dos farroupilhas e que a intenção deles era de fundar uma República Federal. Logo após, o Coronel Amaral morre num dos ataques a Porto Alegre e lega Farrapo para o general Bento Gonçalves:

[399]

Foi no poder deste que pude sentir até onde vai toda a glória de ser homem. Com ele me identifiquei de tal modo que, quando me gritavam – Farrapo! Farrapo! Eu pensava em Bento Gonçalves, na sua amizade por mim, nas suas delicadezas, na sua elegância, nos seus entusiasmos, na habilidade com que me governava em qualquer circunstância, e atendia com prazer e ligeiro ao grito de quem me chamava [...] Bento Gonçalves, quando o senti pela primeira vez no meu dorso, estremei de comoções estranhas e contraditórias; excitaram-se os meus nervos e tive a impressão dos primeiros dias da minha mocidade. Que felicidade! Que alegria de viver! Não me passava, como o poeta que eu tivera a glória de embalar no meu galope, o vago dos sonhos, a fantasia das ilusões, porque sua alma era a mais perfeita das realidades, solidamente implantada na terra e apta para transformar os seus pagos no mais encantado paraíso. Carregando-o, sonhar para quê? Se não havia nada mais completo que o andar identificado com Bento Gonçalves!... Nesse aprendi que há homens tão perfeitos como os poetas [...] Bento Gonçalves deu-me sempre a impressão de andar cavalgado por um Deus que descesse dos céus.<sup>52</sup>

---

50. O dia 20 de setembro de 1835 foi quando começou a Farroupilha.

51. Rodrigues, *Farrapo*, 116.

52. Rodrigues, *Farrapo*, 120-121.

[400]

O personagem exemplar da trama foi traçado: Bento Gonçalves. Ele seria o representante maior dos interesses dos rio-grandenses e o modelo de comportamento ao presente e ao futuro. Farrapo só consegue representá-lo idealizando em suas formas, compara-o a um deus, que dominaria sua montaria no simples gesto de ser o que é: o exemplo a ser imitado. Do gaúcho<sup>53</sup> em ruínas de Alcides Maya, vai-se ao *gaúcho magistra vitae* no centenário da Farroupilha.

De volta a narrativa, soube-se que Bento Manuel entrara na Capital. Houve essa noite alvoroço nos exércitos, pois se confiou que era o fim da guerra. O narrador expõe que farrapos e monarquistas não queriam a guerra, que o desentendimento seria passageiro, pois todos seriam brasileiros e queriam a paz. Farrapo foi encilhado e posto à disposição de Bento Gonçalves, que foi ao encontro de Bento Manuel. Por algum tempo, Farrapo levou, em sua cavalgada, todo o triunfo de uma nação:

Era certo, teríamos a paz, pensava o meu nobre cavaleiro, porque as suas condições correspondiam às aspirações de uma boa parte da nação brasileira. Como rejeitá-las, sem arranhar o povo rio-grandense que tanto se sacrifica pelo Império do Brasil? [...] O Continente tornará a ser o paraíso terrestre [...] por que o ser de Bento Gonçalves, que era um feixe da vida rio-grandense, ia significando isso mesmo.<sup>54</sup>

Bento Gonçalves e seu tocaio se abraçaram como amigos de duras privações militares. Farrapo ficou a distância, mas ouvia a conversa que decidiria a sorte do povo do Continente<sup>55</sup> e do Brasil inteiro. Entre um mate e outro, argumentavam: Bento Manuel pela integridade do Império e autoridade das leis, e Bento Gonçalves por democracia, liberdade e os direitos do povo Continentino (federalismo). Porém não chegaram a nenhum acordo.

Segue o romance que Bento Gonçalves chama o capitão Amaral para enviar-lhe em missão de levar uma comunicação a Netto e a João Manuel e, nisso, Farrapo foi escolhido para ser o cavalo a levar o capitão Amaral em tal missão. Chegando ao acampamento de Netto, entrega-lhe o ofício de Bento. Dias depois, em 10 de setembro, apareciam os caramurus liderados por Silva Tavares nas pontas do arroio Seival. Netto montou no Farrapo que o sentiu como um verdadeiro homem aquele que o cavalgava: “Netto me deu logo a

53. Gaúcho é uma das dominações para quem nasce no Estado do Rio Grande do Sul.

54. Rodrigues, *Farrapo*, 124.

55. Uma das denominações da Província do Rio Grande do Sul.

impressão de ser um ginete igual a Bento Gonçalves, senhor do pingo que monta, sem brutalidade, senhor de si mesmo [...]. Tal era a sua destreza em governar-me, tal a violência e a certeza do seu braço”.<sup>56</sup> Inicia-se a batalha de Seival, e a vitória é farroupilha. No exército farroupilha, o arrebatamento foi extraordinário e a lembrança de Farrapo foi a de que

[...] era um centauro em cima de mim [...] Do meu cavaleiro não era só a influência moral o que impressionava os soldados republicanos, mas também o seu porte a cavalo, marcial como o próprio deus da guerra, rutilante como o arcanjo [...] Só num ponto me fazia saudades do primeiro General que me cavalgou [...] Bento Gonçalves era bom, porque não podia ser mau, porque sua natureza se revoltava contra a maldade; Netto era bom, porque ser bom era melhor e mais útil. A Bento Gonçalves guiava o coração, a Netto a cabeça. Montado por ele eu sentia principalmente uma coisa – a certeza, a firmeza, a certeza que ia bem, a firmeza na execução. Horas de orgulho [...] passei cavalgado por esse herói, orgulho pela vitória, orgulho pela Proclamação da República.<sup>57</sup>

[401]

Há, no romance, um processo para exemplificar as lideranças farrapas e, na estória do romance, Netto era um honrado herdeiro de Bento Gonçalves, após este ser preso em Fanfa.<sup>58</sup> Mesmo com o líder máximo preso, continuava a mesma “índole da gauchada”. Depois de alguns sucessos militares de Netto e com Bento Manuel do lado dos farroupilhas, Porto alegre volta a ficar sitiada. Logo após, Farrapo vai passar um período em uma fazenda, nas vizinhanças para readquirir as forças depois de muitas batalhas. Nesse tempo, Bento Gonçalves fugiu da prisão e se encontrava de volta à Província quando passa pela estância em que se encontrava Farrapo. Nela, ele lhe é oferecido pela dona. Farrapo teria Bento Gonçalves cavalgando nele novamente: “o homem mais perfeito que me cavalgara até então, violento e suave, conforme as circunstâncias, sempre inspirado pelo bem”.<sup>59</sup> Para o narrador, Bento Gonçalves retornava com um entusiasmo indescritível diante dos campos do Rio Grande, seus projetos militares majestosos e suas intuições de glória infinitas.

---

56. Rodrigues, *Farrapo*, 134.

57. Rodrigues, *Farrapo*, 135.

58. A Batalha do Fanfa foi um dos primeiros conflitos travados durante a Farroupilha, entre as forças da República Rio-Grandense, sob o comando de Bento Gonçalves, e as do Império do Brasil, comandadas por Bento Manuel Ribeiro.

59. Rodrigues, *Farrapo*, 148.

[402]

Segue o romance expressando o que Farrapo sentiu, ao ser cavalgado, a saudade no coração de Bento, o seu anseio pela paz, o seu desagrado contra aqueles que a tornavam impraticável e o seu amor para voltar ao seio familiar. Após o insucesso militar em São José do Norte e em Taquari, Bento Gonçalves refletia que esses homens ainda não haviam compreendido a coragem e as intenções dos farroupilhas. Se vencessem, veria o governo imperial como se organizava um governo liberal e como se cultivava a unidade da pátria. E Bento Gonçalves contemplava a distância e dizia a si mesmo: “Eu juro as gerações que hão de vir que sou movido por um ideal, e estou certo de não desdourar a nossa tradição”.<sup>60</sup> Enfim, o exemplo do passado foi ensinado, enquanto testemunha do tempo e vida da memória, comprometido senão com a imortalidade ao menos com a comemoração.

#### O nacionalismo na escrita literária da Farroupilha

Já havia passado o forte do inverno de 1841, as tropas de Bento Gonçalves guerreiam com as de Chico Pedro. Farrapo era montado por Bento quando uma lança que escapara do corpo do general cravara-se no quarto direito do Farrapo que ficou “ferido e tremia de dor. Mas [...] o Chefe de toda aquela gente está são e salvo”.<sup>61</sup> Bento Gonçalves tinha os olhos em prantos. Farrapo sentia a sua dor, porque era a mesma que estava sofrendo, a dor da separação, a saudade. Bento Gonçalves passa a mão no pelo e falou-lhe:

Tu és o Farrapo, que fica prá trás, em poder do inimigo; amanhã, talvez, servindo de instrumento contra nós mesmos. Compreendo... Tu és a força que me veio conduzindo até hoje, mas que também pode conduzir o Império... Compreendo... Farrapo, tu não pertences somente aos farroupilhas, porque és a força que anima a todos os Gaúchos, de um e de outro bando. És mais do que Farrapo, és Rio-Grandense, és Brasileiro... Compreendo. Aqui está o princípio do fim. Compreendo... Soou a corneta, e a força afastou-se, deixando-me ali sozinho, à sombra de uma figueira braba.<sup>62</sup>

A percepção nacionalista do romance fica evidente nesta citação; a intenção de relacionar o passado rio-grandense com o brasileiro é feita na metáfora do Farrapo como não tendo lado entre imperiais e gaúchos, per-

---

60. Rodrigues, *Farrapo*, 196.

61. Rodrigues, *Farrapo*, 200.

62. Rodrigues, *Farrapo*, 201.

tencendo a ambos. Farrapo é o símbolo desse período, lutou na defesa das fronteiras. Além disso, foi personagem em todos os principais acontecimentos da Farroupilha, conhecendo os principais líderes e personagens dela. De volta ao romance, após ser ferido, Farrapo dormiu mais de tristeza do que de dor. Quando desperta, ouve chamarem um homem que o elogiava. Era Moringue, o vencedor, o mais atemorizante dos comandantes do Império. Um prisioneiro farroupilha identificou Farrapo a Chico Pedro, e explicando as qualidades do cavalo, foi interrompido por Moringue, que disse:

[403]

Então chama-se Farrapo. Isto quer dizer que o Farrapo caiu em nosso poder, vai ser cavalgado, governado pelos caramurus. Não está mal. Boa senha dos fados. A mesma força que levou os Farroupilhas aos seus triunfos, levar-nos-á à vitória final. Este cavalo é a consciência brasileira do povo rio-grandense que nos começa a dar ganho de causa. Farrapo, por tua beleza, por tua majestade, por tua força, considero-te um presente do céu, e, como tal, mandar-te-ei guardar cuidadosamente.<sup>63</sup>

No romance, o cavalo Farrapo é a síntese entre brasileiros e gaúchos, é a prova cabal da brasilidade da Farroupilha. Farrapo é a consciência da brasilidade construída a partir da década de 1920 como projeto de futuro do regionalismo rio-grandense. Voltando à narrativa, não levou muito tempo Farrapo entrara numa grande internada de cavalaria do governo. Entre os caramurus,<sup>64</sup> encontra as mesmas qualidades, a mesma obstinação em atingir a vitória. Eram os mesmos gaúchos, impelidos por ideias opostas. No combate, nada ficavam devendo aos farroupilhas. Mais uma demonstração da brasilidade dos gaúchos, pois os farroupilhas em nada diferiam dos caramurus, eram todos gaúchos e brasileiros. Pouco depois, em Pelotas, houve uma festa pela vinda de um grande homem que chegava à Província. Farrapo ouve chamá-lo de general Caxias. Estavam encilhando Farrapo com a sela do Barão de Caxias e pouco depois, cercou-lhe o general. Não lhe transmitiu rancor, nem desejo de vencer a qualquer preço e aproximando-se do Farrapo, Caxias disse-lhe baixinho:

Não venho aqui multiplicar as desgraças, mas pacificar esta gente denotada [...]. Isto já não é uma revolta comum como aquelas que debelei no Maranhão, em S. Paulo, em Minas; mas a obra de um ideal que envenenou quase toda a população da Província. Não é cortando pescoços

---

63. Rodrigues, *Farrapo*, 202.

64. Caramuru era como eram chamados os imperiais.

[404]

que se eliminam as ideias da cabeça de um povo; mas convencendo-o de que há outras ideias superiores, de concepção mais justa e mais elevada finalidade. Os Continentinos são homens sujeitos a errarem; bastará o emprego de meios suasórios, para que voltam a verdade e a realidade das coisas. Vencê-los talvez seja impossível, porque são valentes e pertinazes; creio, entretanto que convencê-los não será difícil. Se me ouvissem, falar-lhes-ia como irmão, sinceramente animado da ambição de realizar a paz.<sup>65</sup>

Depois de ser montado pelos farroupilhas, Farrapo agora é cavalgado pelo mais expressivo líder militar monarquista. Essa passagem de lado do Farrapo não se faz por nenhum motivo menor, mas apenas porque, com isso, mostra-se que os farrapos também eram brasileiros, não havendo maior antagonismo entre rio-grandenses e brasileiros, pois, como notou Caxias, eram irmãos. Farrapo marchava passo a passo, sem exaltações, com orgulho de levar um cavaleiro de alto coturno, que vinha da Corte, onde vivia um imperador, que buscava o meio de impor ao inimigo a conveniência da paz, Farrapo se tornou não “um instrumento de guerra, mas um amigo dedicado, um aliado”.<sup>66</sup> O narrador faz um jogo semântico inconciliável para a geração de intelectuais anterior: “farrapo” um dedicado amigo de Caxias, mas, a geração dos anos de 1920, impregnada de nacionalismo e com um projeto político diferente, constrói uma outra gramática sobre a Farroupilha, o que possibilita um entendimento diferente dela. Nisso, Farrapo vê chegar Bento Gonçalves ao encontro de Caxias. Bento percebe que Farrapo pertence a Caxias e lhe disse que estava bem montado o general, o que Caxias replica que sem dúvida, pois sabia que o Farrapo tem a força para levar-lhe às regiões da glória, ao que Bento responde: “Ah, sim ele foi criado prá honrar todos aqueles que se servem dele. O Farrapo nobilitou os Gaúchos, tocará então a vez de nobilitar os Imperiais e os próprios Brasileiros, se se apossarem dele para sempre”.<sup>67</sup>

Ao que Caxias diz esperar que isso aconteça e que não será difícil governar o Farrapo suavemente. Nisso, Caxias solta a espada “para apertar-lhe a mão de Gaúcho brasileiro, como Brasileiro e amigo”.<sup>68</sup> O uso do cavalo como

---

65. Rodrigues, *Farrapo*, 214.

66. Rodrigues, *Farrapo*, 217.

67. Rodrigues, *Farrapo*, 218.

68. Rodrigues, *Farrapo*, 218.

metáfora busca a inserção do Rio Grande na história da nação brasileira. Nisso, continua o diálogo e Bento afirma que quer uma pátria livre. Caxias responde-lhe que as Repúblicas do Prata vivem dilaceradas pelos próprios concidadãos, em que a discórdia começa a inutilizar os seus melhores vultos (volta o narrador ao argumento antiplatinista). Bento replica que os farroupilhas querem ser livres e que nunca sonharam com o apequenamento do Brasil e que a federação sempre foi o norte revolucionário. O narrador volta a usar o argumento da brasilidade dos farroupilhas. Também, Bento Gonçalves afirmou que não queriam ser governados por um tirano, ao que Caxias responde: A República Rio-Grandense é impossível, para o império a federação é contraproducente e que ele continuará conversando, pois sabe que os farroupilhas têm a satisfação de continuarem brasileiros.

[405]

Doravante, estava o General Caxias cavalcando o Farrapo e, com sua imensa alegria de haver feito a paz na Província, pensava que “estava resguardada a unidade do Império de língua portuguesa”.<sup>69</sup> Parou em Ponche Verde, numa estância denominada Carolina, depois cumprimentou os principais chefes farroupilhas. Ali estava David Canabarro, que, com a proposta argentina,<sup>70</sup> levou-o a aceitar a paz. Para Caxias, era “verdadeiramente comovedor, pensava ele, o patriotismo dos Rio-grandenses. Lutaram por suas ideias, enquanto não esteve em questão a existência da sua velha Pátria. Mas, ameaçada esta como está pelo poderio de Juan Manuel Rosas, voltam a recolher-se ao seio da mãe comum”.<sup>71</sup> Caxias se perguntava que outro povo pensaria assim, com tanta superioridade. Este dia, primeiro de março de 1845, não é só alegria geral, “mas também de profunda gratidão do Império ao Rio Grande do Sul”<sup>72</sup> pela sua altivez, pelo seu denodo, bem mereceram as condições honrosas que lhe ditaram de tratar com heróis de pé e não vencidos:

Pelo que eu via, estavam todos os Rio-grandenses irmanados no seio da mesma Pátria – o Brasil; pois nas ruas o povo se rejubilava, gritando vivas ao Imperador, vivas ao Brasil, vivas ao Rio Grande, a Caxias, a Canabarro, a Bento Gonçalves, a Netto, quando este Estado-Maior pas-

---

69. Rodrigues, *Farrapo*, 228.

70. Haveria uma suposta proposta de Rosas de financiar a guerra dos Farroupilhas.

71. Rodrigues, *Farrapo*, 228.

72. Rodrigues, *Farrapo*, 228-29.

sou [...], diziam, não tinham sido vencidos nem vencedores [...] Viva o Brasil, que hoje incorpora à sua História todos os heróis farroupilhas!<sup>73</sup>

[406]

Enfim, os farroupilhas se tornam personagens exemplares e agora podem descansar em perfeita harmonia com a história nacional. A geração de intelectuais gaúchos que trabalhou na década de 1920 para a conquista do poder nacional relembra os acontecimentos da Farroupilha, no centenário, para demonstrar que a construção da nação brasileira passa pela “Revolução” Farroupilha. Na República brasileira, a República Rio-Grandense encontra o seu descanso no panteão nacional. Assim, expõe a brasilidade dos farrapos e o antiplatinismo como norte da operação literária da história.

Uma questão torna-se importante: por que Rodrigues opta pelo federalismo, como pauta política nacional, na intriga do romance. Por um lado, responderia aos ataques ao separatismo sul-rio-grandense, por outro lado, contudo, é incompatível com a política centralista varguista. A solução, outra vez, acha-se Love.<sup>74</sup> O autor avalia que na República Velha o federalismo foi a pedra angular da política e das instituições brasileiras. No entanto, após a Revolução de 1930, a industrialização, a urbanização e os novos conflitos sociais que surgiram, o regionalismo e a sua fisionomia política, o federalismo, retrocederam após de 1930, porque balizas recentes nasceram na política nacional. Assim sendo, segue Love, com as alterações sociais que surgiram a política e os partidos políticos tornaram-se mais baseados em classes sociais do que em espaços geográficos, isto é, as regiões do país. Desse modo, “Vargas, contudo, aprendeu rapidamente suas tarefas e logo se libertou do regionalismo”, em outras palavras, em seguida se desamarrou do federalismo.<sup>75</sup> Contudo, já em 1935, em meio as comemorações do centenário da Farroupilha, o varguismo (esta corrente política acima dos partidos) topou-se com um recente inimigo, proveniente de seu anoso correligionário Flores da Cunha. Ele apanhou a tarefa de resguardar o governo constitucional e a preservar o federalismo, assim sendo, “Getúlio Vargas, o regionalista que defendera a democracia liberal e o federalismo nos últimos anos da década de 1920, havia-se tornado um centralista e nacionalista de tipo autoritário”.<sup>76</sup>

---

73. Rodrigues, *Farrapo*, 229.

74. Love, *O regionalismo*, 263-277.

75. Love, *O regionalismo*, 269.

76. Love, *O regionalismo*, 274.

O centralismo e o autoritarismo foram estabelecidos em 1937 com o Estado Novo. Desse modo, no momento que Rodrigues lança seu romance em 1935, o que atualmente pode aparentar incoerente – a salvaguarda do federalismo – naquele período não era, pois, o lugar social de Rodrigues e de seu romance encontrava-se permeável e em transição e acolhia a justificação do federalismo, porque a jornada do varguismo para o centralismo foi um processo, no qual o próprio Rodrigues fez parte.<sup>77</sup>

[407]

### Vida e morte Farrroupilha

Continuando a contar a sua história, Farrapo falou aos cavalos mais novos que o fim do conflito foi como o crepúsculo do seu último dia. De manhã, todas aquelas pessoas foram embora e um sossego intenso principiou a imperar dentro dele. Parecia a Farrapo que já tinha morrido em vida, que já tinha cumprido sua missão e que só lhe restava morrer. Mandaram o Farrapo para a Carpintaria com a recomendação “de que ninguém o encilhe. O Farrapo daqui em diante é só pra recordações”.<sup>78</sup> Lá Farrapo estava há dois anos. Nisso, vinha disparando do lado da estância um dos companheiros da quadrilha, de cola alçada, bufando, e com a notícia que morreu o general Bento Gonçalves. O Farrapo não disse mais nada, espichou o pescoço e afastou-se, entrando na sombra da noite que caía.

Depois do acordo de paz, Farrapo não era mais para ser encilhado e devia ficar só na recordação (e na comemoração). O narrador quer mostrar, em 1935, que aquela Farrroupilha separatista não existe mais e seria naquele tempo apenas uma longínqua recordação para a Farrroupilha brasileira que nasceu a partir de 1920. E a morte de Bento Gonçalves, junto com o “desaparecimento” de Farrapo, é a metáfora para a morte de uma Farrroupilha separatista e o nascimento de outra: uma Farrroupilha nacionalista e construtora da nação brasileira.

---

77. Segundo Gertz, havia no Rio Grande do Sul quatro grupos políticos: a) os tradicionais, b) os integralistas, c) os esquerdistas e d) os católicos. Ao longo da década de 1930 Rodrigues se tornou membro da Ação Integralista Brasileira (AIB). Segundo Gertz, Rodrigues conspirou com Flores da Cunha contra Vargas em 1937, sendo exilado neste ano no Uruguai. Também, Vargas e seus principais auxiliares nunca foram integralistas como Rodrigues.

78. Rodrigues, *Farrapo*, 233.

## Conclusão

[408]

O artigo pretendeu examinar *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) em sua dimensão narrativa e contextual de maneira dialética. Portanto, texto e contexto foram interpenetrados e se fez o *verbo*. O recurso interpretativo da fonte/obra foi uma adaptação da operação historiográfica transformada em operação literária da história. Empiricamente, o contexto de inserção do romance foi partindo, ao fim da Primeira República<sup>79</sup> do Estado do Rio Grande do Sul, para o Brasil pelo prisma da política e da história intelectual.

A partir das três fases da operação literária da história, aclarou-se a relação texto e contexto. Na fase do lugar social da operação literária da história, o mapeamento e a análise permitiram entender que o romance estava inserido em uma intrincada disputa política e intelectual. A ascensão política sul-rio-grandense anterior e partir com a Revolução de 1930 criou uma primeira rede de articulações entre texto e contexto, pois o grupo político saído da Frente Única Gaúcha e da Aliança Liberal, ao tomar o poder do Estado nacional, articulou-se para fazer uso político e intelectual da Farroupilha. Para isso, aciona-se o aparato intelectual, tanto institucional (IHGRGS a ARL, a Livraria do Globo e a comemoração do centenário da Farroupilha) quanto intelectual (romance, nacionalismo, regionalismo, antiplatinismo e história exemplar).

Logo, *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) se encadeia com o lugar social, e este joga luz na construção de sentido narrativa que a obra toma, porque, como notado ao longo do artigo, o romance não é escrito e produzido em um vácuo social; há redes de relações sociais, culturais e políticas em que a obra está envolvida e com a qual dialoga. Além disso, Rodrigues fez parte do grupo político varguista até 1937. Portanto, o romance se vincula ao grupo da Revolução de 30, que se justifica no poder, em 1935, na comemoração do centenário da Farroupilha como uma continuação.

Na fase da prática intelectual/literária da operação literária da história, outra rede de articulações se estabelece em torno do romance. Agora o *hub* da construção de sentido parte dos conceitos centrais da cultura histórica e historiográfica presente desde os anos de 1920 e que chegam a 1935 na comemoração do centenário da Farroupilha. Se o IHGRGS, na primeira fase da operação literária da história, tem um caráter político, na segunda fase da operação literária da história ele tem um caráter intelectual, isto é, as práticas intelectuais/literárias enquanto às legitimações sociais, estratégias

---

79. Primeira República ou República Velha são sinônimos para o período de 1889 a 1930.

intelectuais, redes de influência e filtragem dos conceitos e hipóteses de interpretação constituem a outra face da mesma moeda. Portanto, *approaches* como nacionalismo, regionalismo, antiplatinismo e *historia magistra vitae* fazem parte de uma dialética entre texto e contexto, pois não havia para o período uma autonomia da esfera intelectual em relação à esfera política, isto é, todos os instrumentos intelectuais também são políticos.

Logo, o romance, neste caso analisado, articula a sua prática literária sob o guarda-chuva da comemoração, o que o leva a ser limado, por um lado, pelas condições políticas e, por outro lado, os pressupostos intelectuais. Contudo, uma questão que fica em aberto neste artigo, e que foge ao seu objetivo, é saber o quanto a ficção é passível de reabrir a escrita literária da história para além das limações aqui analisadas.

[409]

Por último, na fase da escrita do texto, articula-se, a partir da narrativa literária da história, um entendimento do passado histórico e do presente político, da ascensão do regionalismo sul-rio-grandense ao poder do Estado nacional. O personagem Farrapo conduz a estória por momentos decisivos da Farroupilha, sempre levando a nacionalização do passado sulino, mostrando como a história do Rio Grande do Sul se coaduna com a defesa da fronteira sul do Brasil contra os platinos e que o federalismo e o suposto republicanismo dos farrapos eram, na verdade, um projeto de modernização do Brasil, só alcançando com a República em 1889, isto é, a Farroupilha antecipou o destino político do Brasil. Ademais, o uso do topos narrativa da *historia magistra vitae* fornece ao romance, na comemoração do centenário, o caráter pedagógico de uma narrativa que visava legitimar o presente através do passado e, por fim, demonstrar a brasilidade da Farroupilha.

Enfim, na comemoração do centenário da Farroupilha, traz-se à memória um passado que soleniza a recordação de uma identidade e de um objetivo político. Também recorda-se para celebrar o presente plasmado no passado. O *Farrapo: memórias dum cavalo* (1935) reescreve a história da Farroupilha em que o regional se nacionaliza e os farrapos se abasileiram, e tudo a cavalo.

## Bibliografia

### I. FONTES PRIMÁRIAS

#### Publicações periódicas

- [410] *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. IV trimestre, ano XV. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1935.

#### Impressos

- Rodrigues, Félix Contreiras. *Farrapo: Memórias dum cavalo*. Porto Alegre: Globo, 1958.

### II. FONTES SECUNDÁRIAS

- Axt, Gunter. “Prefacio. Uma versão carbonária da Revolução Farroupilha”. Em *Tentativa de independência do Estado do Rio Grande do Sul*, Luigi Nascimbene, 34-47 Porto Alegre: Méritos, 2009.
- De Certeau, Michel. “A operação historiográfica”. Em *A escrita da história*, 65-119. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- Coradini, Odaci Luís. “As missões da ‘cultura’ e da ‘política’: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960)”. *Estudos Históricos* 2, n.º 32 (2003): 125-144.
- Gertz, René. “Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945)”. *História: Debates e Tendências* 13, n.º 1 (2013): 19-32.
- Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese de doutorado, UFRJ, 1998.
- Gutfreind, Ieda. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- Hartog, François. *Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- Hartog, François y Jacques Revel. “Note de conjuncture historiographique”. Em *Les usages politiques du passe*, dirigido por François Hartog e Jacques Revel, 13-24. Paris: EHEES, 2001.
- Jablonka, Ivan. *A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais*. Brasília: UnB, 2020.
- Koselleck, Reinhart. “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento”. Em *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, 41-60. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC, 2006.

- Leite, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.
- Lima, Costa Luiz. “A ascensão do discurso histórico e as relações com a literatura”. In *Trilogia do Controle*, 124-141. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- Lima, Costa Luiz. “A narrativa na escrita da história e da ficção”. Em *A aguarrás do tempo: estudos sobre narrativa*, 15-121. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- Love, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 30*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- Martins, Jefferson Teles. “O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais. Trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)”. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.
- Martins, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DAC / SEC, 1978.
- Nedel, Letícia y Mara Rodrigues. “Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul”. *Ágora* 11, n.º 1 (2005): 161-186.
- Pesavento, Sandra Jatahy. “Uma certa Revolução Farroupilha”. Em *O Brasil imperial*. Vol. 2, dirigido por Keila Grinberg e Ricardo Salles, 233-267. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- Piccolo, Helga. “A Guerra dos Farrapos e a construção do Estado Nacional”. Em *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*, Décio Freitas *et al.*, 30-60. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- Rangel, Carlos Roberto. “O governo Flores da Cunha”. Em *República. Da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. Vol. 4, dirigido por René Gertz e coordenado por Tau Golin e Nelson Boeira, 17-37. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- Ricoeur, Paul. “A composição da intriga”. In *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa história*. Vol. 1. 56-92. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Ricoeur, Paul. “O entrecruzamento da história e da ficção”. In *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. Vol. 3. 310-328. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Rodrigues, Mara Cristina. “A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais”. *Revista Tempo* 19, n.º 35 (2013): 161-183.
- Da Silva, Jaisson Oliveira. “A epopeia dos titãs do Pampa. Historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varela”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- Soares, Fabrício A. A. “Farrapos de estórias. Romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999)”. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

Soares, Fabrício A. A. “História das narrativas da Farroupilha”. Em *História e historiografia sul-rio-grandense*, Fabrício A. A. Soares e Jefferson Teles Martins. 33-54 Criciúma: EdiUnesc, 2019.

De Souza, José Pereira Coelho. *O sentido e o espírito da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: O Globo, 1945.

Zilberman, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

[412]